

ACADEMIA DE LETRAS, ARTES E CIÊNCIAS

ALAC

23 DE OUTUBRO DE 1998

REVISTA CULTURAL



ALACULTURA

**RIO DE JANEIRO
BERÇO DO LEONISMO NO BRASIL**

16 DE ABRIL DE 1952

ANO XXVI

Nº 48

MARÇO 2024



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



REVISTA CULTURAL DA ALAC

ANO XXVI Nº 48

Rio de Janeiro

Março 2024

Publicação Bimestral

SERVIR PELA CULTURA

DIRETORIA EXECUTIVA 2024/2025

Presidente: Luiz Augusto Lemos

Vice-Presidente: Selma Regina Conceição Aragão

Secretário: Olavo Divino Vieira

Secretário Adjunto: Maria da Gloria Silva Rabello

Tesoureiro: Hélio Gomes das Chagas

Tesoureiro Adjunto: Izidoro de Hiroki Flumignan

Relações Públicas: Armênio Santiago Cardoso

Orador Oficial: Sérgio de Andréa Ferreira

Digitação - Diagramação: Ac Olga Maria das Neves de Lemos

Distribuição: Internet

Projeto - Revisão: Ac Luiz Augusto Lemos

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos respectivos Autores

PRESIDENTE DE HONRA: CaL MARIA LUIZA FERNANDES GOMES

LEMA DA GOVERNADORA: PARCERIAS PARA FORTALECER O SERVIR



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



EDITORIAL- ANIVERSÁRIO DO RIO DE JANEIRO- 459 Anos (2024 - 1565)

Sexta-feira, dia primeiro de março de 2024, o Rio de Janeiro comemora realmente 459 anos de sua fundação por Estácio de Sá, que aqui chegou na hoje Fortaleza de São João, na aprazível Urca

Não se trata de uma data redonda, porém sempre tem muito significado para todos nós que vivemos ao longo da Guanabara.

A imprensa até o ano de 1957 festejava o dia 20 de janeiro, data consagrada ao padroeiro São Sebastião, como o dia em que se firmara sua certidão de nascimento.

O saudoso jornalista e pesquisador Argeu Affonso, Grande Benemérito do Fluminense Football Club, era o editor chefe do Jornal O Globo.

Naquele ano de 1957, em uma série de entrevistas feitas por Argeu Affonso com o professor Maciel Pinheiro, então diretor da Biblioteca Municipal, ele comprovou, embasado numa batelada de documentos, que o engano já durava quase quatro séculos.

Até que não era descabido tal engano tetrassecular, pois se sabe hoje em dia que durante 400 anos o dia da fundação do Rio foi comemorado como sendo 20 de janeiro, porque foi o dia em que São Sebastião ajudou a expulsar os franceses do Rio de Janeiro. Como este fato histórico ocorreu em 1567 e não em **1565, ano verdadeiro da fundação**, a data foi então modificada para 1º de março.

No entanto, logo no primeiro ano em que o dia 20 de janeiro deixou de ser comemorado, ocorreu um verdadeiro dilúvio na cidade, levando a população a exigir que o dia 20 de janeiro voltasse a ter os festejos de sempre.

Pura superstição popular....

Ac Luiz Augusto Lemos



ESTÁCIO DE SÁ E A FUNDAÇÃO DO RIO DE JANEIRO



Estácio de Sá nasceu em Coimbra, em 1520. De família nobre de Portugal, filho do fidalgo Diogo de Sá, primo de Mem de Sá, governador-geral do Brasil. Seu período mais glorioso foi na fase adulta, quando ajudou a corte portuguesa a conquistar territórios inexplorados.

Os primeiros confrontos na Baía de Guanabara surgiram depois que os franceses se fixaram ali, em 1555. Eles se instalaram nas ilhas de Serigipe (hoje Villegagnon), Paranapuã (atual Ilha do Governador), Laje (onde fica hoje o Forte Tamandaré da Laje, ocupado pelo Exército) e em Uruçumirim (Praia do Flamengo). Toda essa região invadida ficou conhecida como França Antártica.

Para reafirmar seu poder sobre o território brasileiro, Portugal mandou que Mem de Sá viajasse ao Brasil, com o intuito de impedir o avanço da França sobre as terras ainda não colonizadas por Portugal.

Em 1557, Estácio desembarcou pela primeira vez no país, para ajudar seu “tio” na missão. A tentativa inicial de dominar a baía não deu certo. Apesar de conquistar o Forte Coligny, na Ilha de Serigipe, com o apoio de colonos e jesuítas da Vila de São Vicente, em 1560. Estácio e Mem de Sá enfrentaram dificuldades para permanecer na região por causa de problemas nas embarcações.

Com o recuo obrigatório, os franceses ocuparam novamente o forte com o apoio dos índios tamoios que ali viviam. Estrategicamente, após a derrota, Estácio voltou à sua terra natal na tentativa de conseguir mais ajuda para a batalha.

Em 1563, D. Catarina, regente do trono português, ordenou que Estácio de Sá voltasse ao Brasil como chefe da esquadra destinada a dominar a região. Chegou a Salvador, na atual Baía de Todos os Santos, em 1564, com a missão de



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



expulsar definitivamente os franceses remanescentes na Baía de Guanabara e ali fundar uma cidade.

Devido às dificuldades do início da colonização e informado de que os índios estavam mais fortes, devido à aliança com os franceses, procurou buscar reforço em São Vicente. Ao mesmo tempo, no litoral paulista, os padres jesuítas Manuel de Nóbrega e José de Anchieta, estavam recrutando habitantes locais, inclusive índios, para se juntar a Estácio de Sá. Somente em 1565, com reforços obtidos na então Capitania de São Vicente, os militares conseguiram reunir uma força de ataque para cumprir a sua missão.

Estácio de Sá sabendo da grande ajuda conseguida, saiu de Salvador rumo ao Rio de Janeiro. No caminho, passa antes no Espírito Santo, dali partindo para seu destino para expulsar os franceses no Rio de Janeiro.

No dia 20 de janeiro de 1565, todos partiram para a baía de Guanabara e lá receberam auxílio de indígenas vindos do Espírito Santo. Após algumas semanas de batalha, os franceses foram expulsos da antiga França Antártica.

Em 1º de março, fundou a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em terreno plano entre o Morro Cara de Cão e o Morro do Pão de Açúcar, sua base de operações.

O objetivo da fundação foi dar início à expulsão dos franceses que já estavam na área há dez anos.

Para fortalecer a posição do capitão-mor e ajudar a manter o poder sobre a região da antiga França Antártica, em 20 de janeiro de 1567, chegou ao Rio uma esquadra vinda do Nordeste, comandada por Cristóvão de Barros e outra de da Vila de São Vicente sob o comando pessoal do seu “tio” Mem de Sá com indígenas sob o controle dos padres jesuítas José de Anchieta e Manuel da Nóbrega, que se lançou ao ataque, travando os combates de Uruçu-mirim (atual Praia do Flamengo) e Paranapuã (atual Ilha do Governador).



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



Gravemente ferido por uma flecha envenenada indígena, possivelmente uma técnica Puri, que lhe vazou um olho durante a Batalha de Uruçu-mirim (20 de janeiro), veio a falecer um mês mais tarde (20 de fevereiro), provavelmente por septicemia decorrente do ferimento.

Existe uma capela na Igreja de São Sebastião dos Frades Capuchinhos do Rio de Janeiro, no bairro da Tijuca, onde está a sua campa tumular onde encontra-se a seguinte inscrição:

"Aqui jaz Estácio de Saa, 1o Capitam e Conquistador desta terra cidade, e a campa mandou fazer Salvador Correa de Saa, seu primo, 2o Capitam e Governador, com suas armas e essa Capela acabou o ano de 1583."

Fundação e a vida na cidade - Obra do Pintor Antônio Firmino Monteiro



Entre março de 1565 e janeiro de 1567, Estácio participou da vida na cidade. No primeiro momento de colonização, era o capitão-mor, responsável por nomear juízes, prefeitos, ceder terras destinadas à produção agrícola para povoar o local.

Reconhecimento

Nos 400 anos de fundação, em 1965, não havia nenhuma estátua que homenageasse o fundador da cidade. O cenário mudou após Haroldo Barbosa e Raul Mascarenhas gravarem com Miltoninho o samba sobre o assunto:



"Procurei em toda a cidade/ por seu fundador/ onde estará? / Cadê a estátua de Estácio de Sá? Cadê a estátua de Estácio de Sá?"



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



A música inspirou a construção do monumento projetado por Lúcio Costa no Aterro do Flamengo, em 1973. Uma pirâmide em forma de triângulo, exibe um obelisco de 17 metros de altura. Ao todo, o espaço tem 450m² e, em 2010, foi aberto um Centro de Visitação no subsolo, onde se encontram uma réplica da lápide de Estácio e um mapa do Rio, datado de 1574. O militar português também recebeu outros reconhecimentos. Em 1865, foi criado o bairro do Estácio, que acolhe hoje a sede da Prefeitura da cidade, estação do Metrô e a tradicional Escola de Samba com o nome do fundador do Rio. Na Urca, Estácio de Sá é homenageado dando seu nome à tradicional Escola Municipal Estácio de Sá.

BEATRIZ CALADO, supervisão de **REGINA PROTÁSIO**.

DO QUE É FEITO A BOLA DE FUTEBOL

No Brasil, existem algumas especificações falando em bolas de futebol

Impossível falar de futebol sem falar do mais importante, além dos jogadores: a bola. Mas do que é feito uma bola de futebol? Desde 1994, na **Copa do Mundo** daquele ano, as bolas passaram a serem feitas de um material chamado poliuretano em seu revestimento.

O poliuretano, por sua vez, é um polímero que forma um material sólido que se assemelha com espuma. Neste revestimento, na parte mais interna, existiam também algumas camadas de poliestireno. A partir de 2002, mais polímeros começaram a fazer parte da produção das bolas de futebol.

As Sete Cores do Arco-Íris:

Na mitologia grega, Íris era a mensageira da deusa Juno. Como descia do céu num fecho de luz e vestia um xale de sete cores, deu origem à palavra arco-íris.

A divindade deu origem também ao termo íris, do olho.

Vermelho, Laranja, Amarelo, Verde, Azul, Anil, Violeta

Ac Hélio Gomes das Chagas



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



VIANNA MOOG- Ac Marlene de Souza Santos Freire- Cadeira nº 34



Viana Moog foi membro da Academia Brasileira de Letras, sendo o terceiro ocupante da cadeira 4. Eleito em 20/09/1945, na sucessão de Alcides Maia, e recebido em 17/11/1945 por Alceu Amoroso Lima. Clodomir Vianna Moog, advogado, jornalista, romancista e ensaísta, nasceu em São Leopoldo, RS, em 28/10/1906, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 15/01/1988, aos 81 anos.

Filho de Marcos Moog, funcionário federal, e de Maria da Glória Vianna Moog, professora pública, foi aluno da escola dirigida por sua mãe na cidade natal e, depois, do Colégio Elementar Visconde de São Leopoldo.

Após a morte da mãe, frequentou como aluno interno, durante dois anos, o Instituto São José, de Canoas, dirigido pelos Irmãos Lassalistas. Coursou também em 1917 o Colégio São Jacó, de Hamburgo Velho, dos Irmãos Maristas.

Em 1918, ingressou no Ginásio Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, onde concluiu os preparatórios.

Queria seguir a carreira militar e, para isso, veio ao Rio prestar exame na Escola Militar do Realengo. Como, porém, nesse ano, não se abrissem as provas vestibulares, voltou logo para Porto Alegre, onde trabalhou algum tempo no comércio, e, em 1925, matriculou-se na Faculdade de Direito.

Foi nomeado, no mesmo ano, guarda-fiscal interino da Repressão do Contrabando na Fronteira e designado para a Delegacia Fiscal daquela cidade.

Em 1926, prestou concurso para agente fiscal de imposto de consumo. Classificou-se em segundo lugar e serviu dois anos na cidade de Santa Cruz e um na cidade do Rio Grande.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



Colou grau de bacharel em Direito a 9 de janeiro de 1930, ocasião em que foi orador da turma.

O Brasil vivia uma enorme agitação em razão da Revolução de 1930, que alçou Getúlio Vargas ao poder. As medidas de Vargas visavam a reduzir a influência das oligarquias regionais sob os estados.

Vianna Moog, contrário à ditadura de Getúlio Vargas, participou ativamente da campanha política da Aliança Liberal e dos entusiasmos da Revolução Constitucionalista, que veio a ocorrer em outubro de 1932.

No exercício do cargo de agente fiscal, foi preso e removido para a capital do Estado e, logo em seguida, exilado para o Amazonas; pouco depois foi transferido para Teresina; e do Piauí retornou a Manaus.

Desta vez, serviu no interior até que a anistia, concedida pelo Congresso em 1934, o restituísse ao Sul. Anistiado, retornou ao Rio Grande do Sul.

As suas atividades jornalísticas só começaram depois da vitória da Revolução, tendo combatido o “tenentismo” pelas colunas do Jornal da Noite.

Foi representante do governo brasileiro na Organização dos Estados Americanos (OEA) e na Organização das Nações Unidas (ONU).

Foi no período de exílio que começou propriamente a sua atividade literária. No Amazonas, escreveu dois livros: **Heróis da decadência Reflexões**, sobre o humor, com estudos sobre Petrónio, Cervantes e Machado e **O ciclo do ouro negro**, ensaio de interpretação da realidade amazônica.

Voltando a Porto Alegre, dirigiu o vespertino Folha da Tarde. Dessa fase breve, resultou **Novas cartas persas**, sátira em torno da situação político-social.

Consagrou-se mais intensamente à literatura com o golpe de 1937. Publicou, em 1938, o ensaio **Eça de Queirós e o século XIX** e o romance **Um rio imita o Reno**, ao qual conferiu-se, em 1939, o **Prêmio Graça Aranha**.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



Colaborou em **La Prensa**; como representante do Rio Grande; fez conferências na Exposição do Livro Brasileiro em Montevideu; e falou na inauguração do auditório da Gazeta, de São Paulo, em que colaborava.

Em 1942, foi nomeado membro do 2º Conselho de Contribuintes, em Porto Alegre, tendo sido promovido para o quadro dos agentes fiscais do Distrito Federal.

Nesse mesmo ano, a convite da Casa do Estudante do Brasil, fez no Itamarati a conferência **Uma interpretação da literatura brasileira**, publicada em opúsculo e traduzida para vários idiomas, na qual ele procurou interpretar a literatura brasileira através do que chamou “ilhas de cultura mais ou menos autônomas e diferenciadas”, caracterizada cada uma pelo seu *genius loci* particular.

Ainda em 1942, a convite da Fundação Guggenheim, embarcou para os Estados Unidos, onde permaneceu por oito meses e escreveu artigos para o New York Herald e algumas revistas americanas.

De 1946 a 1950, serviu na Delegacia do Tesouro em Nova York, quando começou a escrever uma biografia de Lincoln.

Em 1950, foi nomeado representante do Brasil junto à **Comissão de Assuntos Sociais das Nações Unidas**, tendo participado em Nova York e Genebra de todas as reuniões da Comissão.

Em 1952, indicado pelo Brasil, foi eleito pelo Conselho Internacional Cultural para representar o Brasil na Comissão de Ação Cultural da OEA, com sede no México. Vianna Moog ali residiu por mais de dez anos, como presidente da Comissão.

Participou em 1956, como presidente da Comissão, da 2ª Reunião do Conselho Interamericano Cultural.

Em 1959, representou o Brasil na 3ª Reunião do CIC- Centro de Integração e Capacitação, em Porto Alegre.

Nomeado de novo para a Comissão Social das Nações Unidas em 1961, foi eleito seu presidente para a XIII Sessão.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



Em 1963, a Comissão o elegeu para integrar o Conselho Superior do Instituto Internacional de Pesquisa para o Desenvolvimento Social, com sede em Genebra. Em 6 de setembro de 1969, renunciou ao mandato na Comissão da OEA, aposentando-se a seguir no cargo de fiscal do imposto de consumo. Foi membro do Conselho Federal de Cultura.

Faleceu aos 81 anos, vítima de uma parada cardíaca após uma intervenção cirúrgica.

Obras

- 1936 – O ciclo do ouro negro (ensaio)
- 1937 – Novas cartas persas (sátira)
- 1938 – Eça de Queirós e o século XIX (ensaio)
- 1938 – Um rio imita o Reno (romance, pelo qual recebeu o Prêmio Graça Aranha)
- 1939 – Heróis da decadência (ensaio)
- 1942 – Uma interpretação da literatura brasileira (ensaio)
- 1946 – Nós, os publicanos" (ensaio)
- 1946 – Mensagem de uma geração" (ensaio)
- 1954 – Bandeirantes e pioneiros: Paralelo entre duas culturas" (estudo social)
- 1959 – Uma Jangada para Ulisses (novela)
- 1962 – Tóia (romance)
- 1965 – A ONU e os grandes problemas (política)
- 1966 – Obras completas de Vianna Moog" (compilação)
- 1968 – Em busca de Lincoln (biografia)



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



FRASES FAMOSAS DE FERNANDO PESSOA

Amo como ama o amor. Não conheço nenhuma outra razão para amar senão amar. Que queres que te diga, além de que te amo, se o que quero dizer-te é que te amo?

Às vezes ouço passar o vento; e só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido.

Quero para mim o espírito desta frase, transformada a forma para a casar com o que eu sou: viver não é necessário, o que é necessário é criar.

O amor romântico é como um traje, que, como não é eterno, dura tanto quanto dura, e em breve, sob veste do ideal que formamos, que se esfacela, surge o corpo real da pessoa humana, em que o vestimos. O amor romântico, portanto, é um caminho de desilusão. Só o não é quando a desilusão, aceite desde o princípio, decide variar de ideal constantemente, tecer constantemente, nas oficinas da alma, novos trajes, com que constantemente se renove o aspecto da criatura, por eles vestida.

UM CIDADÃO EUROPEU PUBLICOU A SEGUINTE HISTÓRIA:

Comprei uma casinha, daquelas de madeira, para alimentar pássaros, pendurei-a na varanda e coloquei alpista. Ficou maravilhosa! Nos primeiros dias apareceram alguns pássaros simpáticos e nunca deixei faltar as sementes para os alimentar. Ao fim de duas semanas, já havia centenas de aves que se deleitavam com o fluxo contínuo de comida livre e facilmente acessível.

Então, os pássaros começaram a construir ninhos nas beiras do pátio, em cima da mesa e ao lado da churrasqueira, ou seja, por todo o lado. Depois, veio a porcaria, porque já faziam as suas necessidades em toda a parte: nas cadeiras, na mesa,



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



enfim, em todo o lado! Algumas das aves alteraram o seu comportamento, tentando atacar-me em voo picado e bicar-me, apesar de ser eu, o seu benfeitor. Outras aves faziam tumulto e eram barulhentas. Pousavam no alimentador, e a qualquer hora, ruidosamente, exigiam mais comida quando esta estava a acabar. Chegou ao ponto em que eu já não conseguia sentar-me na minha própria varanda. Então, remédio santo, desmontei o alimentador de pássaros e em três dias, acabaram por voar e ir-se embora. Limpei toda a porcaria, e acabei com os ninhos que fizeram em todo o lado. Tudo voltou a ser como antes, calmo, sereno e nem um pássaro a exigir o direito a refeições grátis.

E o cidadão europeu que publicou esta história, comentou: o nosso Estado dá comida de graça, habitação, subsídios, assistência médica e educação gratuita a qualquer pessoa nascida num País de outro continente, que diga ser refugiada, o que originou que, de repente, chegassem dezenas de milhar de pessoas. De repente, os nossos impostos subiram para pagar todos os serviços gratuitos, os apartamentos, e os custos gratuitos de saúde dessas pessoas. Querem agora, que nas escolas se retire a carne de porco e as salsichas da alimentação, pois dizem que é contra a sua religião, e querem que sejam disponibilizados espaços, para construir locais onde possam praticar a sua religião, querem que as suas raparigas andem cobertas e as suas mulheres não aceitam ser atendidas num hospital, por médicos do sexo masculino, porque é contra a sua religião e tantas outras situações que se as contássemos, provocariam um pânico generalizado.

Chegámos ao ponto de, as caixas de cereais matinais, o leite e outros alimentos, virem com rótulos bilíngues e sermos obrigados a usar teclas especiais no telemóvel, para poder falar com o nosso banco, no nosso idioma. Estranho, também, é haver pessoas empunhando e acenando com bandeiras, que não são a nossa, e ouvi-las berrando e gritando nas ruas, exigindo mais direitos e



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



liberdades gratuitas. É apenas a minha opinião, mas talvez esteja na hora de também o nosso governo desmontar o alimentador de pássaros.

Se concordar, reencaminhe; se não, continue a limpar a porcaria e vá-se preparando para limpar ainda mais...

É exatamente isso que acontece atualmente. Não estará a Europa pagando o castigo por toda a sua crueldade no tempo das colônias?

FelixBerto KuanZu

Hilda Hilst - Amavisse (1989)

**Como se te perdesse, assim te quero.
Como se não te visse (favas douradas
Sob um amarelo) assim te apreendo brusco
Inamovível, e te respiro inteiro**

Um arco-íris de ar em águas profundas.

**Como se tudo o mais me permitisses,
A mim me fotografo nuns portões de ferro
Ocres, altos, e eu mesma diluída e mínima
No dissoluto de toda despedida.**

**Como se te perdesse nos trens, nas
estações
Ou contornando um círculo de águas
Removente ave, assim te somo a mim:
De redes e de anseios inundada.**



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



CARMEN MIRANDA- A Pequena Notável

Maria do Carmo Miranda da Cunha nasceu a 9 de fevereiro de 1909 em Canaveses, município de Valpassos, uma freguesia no Porto, na Região Norte de Portugal.

Em 1910, com apenas um ano de idade, junto com sua mãe Maria Emília Miranda e sua irmã Olinda, veio para o Brasil, onde seu pai já morava.

Filha do barbeiro José Maria Pinto Cunha e de Maria Emília Miranda, a portuguesa de nascimento e brasileira de coração foi criada no Rio de Janeiro, tendo inicialmente fixado residência na Rua da Lapa, número 24, no bairro do mesmo nome, e nunca mais voltou à cidade onde nasceu, apesar de ter sido homenageada com seu nome dado a um museu naquele município.

Seu pai abriu um salão de barbeiro na Rua da Misericórdia, em sociedade com um conterrâneo. A família estabeleceu-se no sobrado acima do salão. Mais tarde, mudaram-se para a Rua Joaquim Silva, na Lapa. Carmen estudou com as freiras na Escola Santa Teresa, na Rua da Lapa, número 24.

Aos 14 anos, resolveu largar os estudos e começou a trabalhar numa loja de gravatas, e logo depois na La Femme Chic, uma confecção de chapéus, no centro do Rio, onde estudou moda e aprendeu a costurar, pegando o gosto por turbantes, que viraram sua marca registrada. Nesta época, a sua família deixou a Lapa e passou a residir num sobrado na Travessa do Comércio.

A convivência com a vida agitada da Lapa, bairro do Rio de Janeiro, aproximou a adolescente da música e também influenciou nas suas referências estéticas futuras.

Carmen Miranda já sonhava em ser artista desde pequena.

e estava sempre cantarolando nas lojas em que trabalhava quando adolescente, o que se tornava motivo para ser despedida. Segundo seu



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



biógrafo, Ruy Castro, ela cantava por influência de sua irmã mais velha, Olinda, porque desta forma conseguia atrair clientes.

Em 1928, foi apresentada para o cantor, instrumentista e compositor Josué de Barros, que a levou para trabalhar na Rádio Sociedade Professor Roquete Pinto. Em 1929, se apresentava em teatros e clubes e veio a gravar sua primeira música por uma gravadora norte-americana que atuava no Brasil, a Brunswick Records: a canção era Não Vá Simbora, de Josué de Barros. Logo, a cantora foi apresentada ao diretor da gravadora **RCA Victor**, que – impressionado com sua bela voz – a convidou para gravar o seu primeiro disco 78 RPM (Rotações Por Minuto).

A partir de 1930, Carmen Miranda entrou de vez no mundo da música, cantando na Rádio Sociedade. Logo seu disco foi lançado, e o seu sucesso veio com a marcha-canção Pra Você Gostar de Mim, mais conhecida como Taí, escrita por Joubert de Carvalho. Gravou seu primeiro disco com as músicas Triste Jandaia e Iaiá, Ioiô. Seu grande sucesso veio com a marcha-canção Pra Você Gostar de Mim (1930), que ficou conhecida por Taí. A canção tornou-se um sucesso nacional, vendendo mais de 35 mil cópias no ano de lançamento, recorde absoluto para a época.

A partir de então, **Carmen Miranda** passou a ser aclamada pela crítica como a principal intérprete de samba dos anos 30 e maior cantora do Brasil.

Em 1932, **Carmen** assinou um contrato que durou quatro anos, com a Rádio **Mayrink Veiga**, ganhando um cachê mensal, fato que a tornaria a primeira cantora de rádio a assinar um contrato de trabalho com uma emissora, quando a praxe era o cachê por participação do artista. Ela foi a artista de rádio mais bem paga do país na sua época. Daí pra frente, a carreira de Carmen Miranda deslançou brilhantemente.

Gravou mais de 150 discos de 78 RPM entre 1929 e 1950



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



Sua carreira começou a ganhar novos ares ainda na mesma época, quando a cantora fez sua primeira turnê na Argentina, país ao qual retornou diversas vezes nos anos seguintes.

Principais canções eternizadas na voz de Carmen Miranda foram:

Isso é lá com Santo Antônio (Lamartine Babo e Mário Reis); Chica, Chica, Boom (Harry Warren e Mack Gordon); Sonho de Papel (Alberto Ribeiro); Chiquita Bacana (João de Barro e Alberto Ribeiro); E o Mundo não se acabou (Assis Valente); Pra você gostar de mim (Taí) (Joubert de Carvalho); Balancê (Braguinha/Alberto Ribeiro); O que é que a baiana tem (Dorival Caymmi); Mamãe eu quero (Vicente Paiva e Jararaca); Camisa listrada (Assis Valente); Tico-tico no fubá (Miguel Lima/Zequinha de Abreu); No tabuleiro da baiana (Ary Barroso); Adeus batucada (Synval Silva); O tic-tac do meu coração (Alcyr Pires Vermelho/Walfrido Silva); Cachorro vira-lata (Alberto Ribeiro); Touradas em Madrid (Braguinha/Alberto Ribeiro); E o mundo não se acabou (Assis Valente); Como vai você (Ary Barroso); Quando eu penso na Bahia (Ary Barroso).

Política da Boa Vizinhança

Em meados da década de 1930, os Estados Unidos buscaram aproximação com os países da América Latina como forma de evitar que esses países se aliassem às tropas alemãs. Com o Brasil, o governo norte-americano utilizou a arte e financiamentos industriais para ganhar a simpatia do povo brasileiro e as autoridades locais. Carmen Miranda viveu o auge da carreira na década de 40.

Em ascensão nos EUA, Carmen Miranda viu sua fama crescer nesse período e tornou-se o elo de aproximação cultural do Brasil com os Estados Unidos, representando a música brasileira no território norte-americano.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



Carmen Miranda foi convidada para participar dos primeiros filmes sonoros lançados na década de 30

A artista participou de muitas produções cinematográficas brasileiras, como **Alô, Alô, Brasil** (1935), que a coloca como a figura mais popular do cinema brasileiro

Em 1936, **Carmen** foi a grande estrela do filme '**Alô, Alô, Carnaval**', que proporcionou à cantora o dueto com sua irmã, Aurora Miranda, na conhecida cena da música Cantoras do Rádio, por sua perfeita interpretação da canção de Josué De Barros, Lamartine Babo e A. Ribeiro.

Entre os anos de 1937 e 1940, Carmen passou a fazer parte do Cassino da Urca, local que servia como passaporte para carreira internacional em musicais.

Em 1939, o filme carnavalesco **Banana da Terra**, de **Ruy Costa**, lançou-a internacionalmente, por conta de sua grande interpretação da canção **O Que É Que a Baiana Tem**, de **Dorival Caymmi**.

Em 1942, foi então convidada para trabalhar na **Broadway** e, acompanhada do conjunto vocal **Bando da Lua**, mudou-se para os Estados Unidos, onde estrelou diversos filmes e peças de teatro de revista, tornando-se muito popular no país.



Trabalhou na **Broadway** com o conjunto vocal **Bando da Lua**. Mudou-se para os Estados Unidos; estrelou diversos filmes e peças de teatro de revista; muito popular no país, estrelou diversos filmes e peças de teatro de revista, exaltada pela crítica Karina Janz Woitowicz.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



Principais Filmes de Carmen Miranda:

O Carnaval cantado de 1932 (1932); A voz do Carnaval (1933); Alô, alô, Brasil (1935); Estudantes (1935); Alô, alô, Carnaval (1936); Banana da Terra (1939); Laranja da China (1940); Serenata tropical (1940); Uma noite no Rio (1941); Aconteceu em Havana (1941); Minha secretária brasileira (1942); Entre a loira e a morena (1943); Quatro moças num jipe (1944); Serenata boêmia (1944); Alegria, rapazes! (1944); Sonhos de estrela (1945); Se eu fosse feliz (1946); Copacabana (1947); O príncipe encantado (1948); Romance carioca (1950); Morrendo de medo (1953).

Com seu estilo único e talento para a música e atuação, conquistou outros países, fixou morada nos Estados Unidos e chegou a ser a mulher mais bem paga de Hollywood, além de ser a primeira sul-americana com uma estrela na Calçada da Fama."

Carmen Miranda é considerada a 15ª maior da história da música brasileira

Em 20 anos de carreira, **Carmen Miranda** deixou sua bela voz registrada em mais de 300 canções. Além de ter sido a mulher mais bem paga de Hollywood na década de 1940, Com seu estilo único e talento para a música e para a atuação, a voz que conquistou o mundo foi considerada pela revista Rolling Stone Brasil a 15ª maior da história da música brasileira, que também a classificou como a **35.ª maior artista da música brasileira.**

Com uma carreira de sucesso na rádio, no teatro de revista, no cinema e na televisão, a cantora, atriz e dançarina é a artista brasileira mais conhecida no mundo inteiro, tornando-se referência da cultura do nosso país no exterior.

Carmen Miranda contribuiu para o enaltecimento da música e da cultura brasileira no mundo. Ela foi a primeira intérprete do samba a divulgar o gênero em âmbito internacional.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



Carmen Miranda chegou até a cantar para o presidente dos EUA, **Franklin D. Roosevelt**, na Casa Branca, e foi a primeira artista sul-americana a ter uma estrela na **Calçada da Fama de Hollywood**.

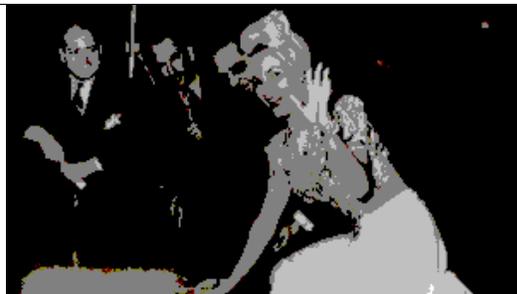
Sofrendo com problemas de saúde, por conta de abuso de tóxicos, ficou internada durante quatro meses para desintoxicação.

Depois, já recuperada, volta para Hollywood.



A imagem amplamente ligada à Carmen Miranda é a fantasia de baiana, adotado pela cantora e atriz em 1939, no filme *Banana da Terra*. Carmen mostrou ao Mundo O que é que a baiana tem, de autoria de Dorival Caymmi.

A fantasia de baiana adotada por Carmen Miranda sofreu variações ao longo de sua carreira, mas sempre contou com brincos grandes (geralmente argolas) e um turbante repleto de frutas e flores, sapatos e sandálias com plataforma e roupas com babados. O vestuário fez muito sucesso pelo mundo e passou a ser utilizado como fantasia em diferentes festas, como o Carnaval. Os turbantes de Carmen Miranda foram inspirados na indumentária usada pelas baianas quituteiras da Praça Onze na Cidade do Rio de Janeiro desde início do século XX.



Carmen Miranda registra as mãos na calçada da fama do Chinese Theatre. Em 1954, após 15 anos nos Estados Unidos, consagrada internacionalmente, viaja de volta ao Brasil, para rever a família.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



O brasileirismo ousado de Carmen Miranda, a pequena notável que fez a América conhecer o Brasil

Trajectoria farta de dados sobre a história da música popular brasileira e seu cartaz no Brasil e no exterior. Ela consolidou ritmos brasileiros na música, no cinema e projetou a imagem para além de auditórios em que se apresentou ao da carreira de 25 anos.

Saindo de cena, sem discrição

Uma das personagens mais conhecidas, adoradas e imitadas ao longo de gerações teve uma vida que não foi apenas de sucessos, realizações e glamour. As exigências de sua carreira conduziram-na ao consumo de um coquetel de comprimidos para dormir, acordar e entrar em cena, revelando o desgaste físico e psicológico de Carmen Miranda. Em 1948, aos 39 anos, com o organismo fragilizado com medicamentos- anfetaminas e barbitúricos –, álcool e trabalho incessante, Carmen se afastou do sonho da maternidade ao ter um aborto após uma de suas apresentações e entrou em crise profunda. Com trajetória marcada por incontáveis espetáculos e gravações, Carmen mostrava sinais de exaustão. No dia 5 de agosto de 1955, morre em sua casa em Beverly Hills, Los Angeles, aos 46 anos, de um colapso cardíaco, após filmar com Jimmy Durante um programa para a TV americana.

“Nossa união, calcada no companheirismo, faz a força que é capaz de servir como bandeira a ser levantada com entusiasmo cada vez redobrado, a fim de alcançarmos a paz tão desejada por todos”.

Ac Paulo Maurício Pereira- 1999/2000



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



NAPOLEÃO INVADE A PENÍNSULA IBÉRICA

Em 9 de novembro de 1799, Napoleão Bonaparte deu um golpe ao suprimir o Diretório e instaurar o Consulado, integrado por ele e mais dois membros, meras figuras decorativas, pois o poder se concentrou efetivamente nas mãos do general, já considerado um gênio militar.

Em 1804, Napoleão coroou a si mesmo como imperador da França e prosseguiu no sonho de comandar o exército mais formidável do mundo, dominar toda a Europa e construir um império tão grandioso quanto fora o romano. E chegou a ter um exército formado por 750 mil homens, que obteve vitórias espetaculares nas chamadas guerras napoleônicas.

Porém, impedido de invadir a Inglaterra, depois de derrotado na batalha naval de Trafalgar, em 21 de outubro de 1805, Napoleão decretou o Bloqueio Continental, ou seja, todas as nações europeias teriam de fechar seus portos ao comércio inglês. A única a desobedecer foi Portugal, aliado secular da coroa britânica.

Para punir a coroa portuguesa por não aderir ao bloqueio contra a Inglaterra, Napoleão confiou ao general Jean-Andoche Junot o comando de uma tropa formada por 27 mil soldados. Sua missão era invadir Portugal, aprisionar a família real, obrigar o príncipe regente, dom João de Bragança, a assinar, em condições humilhantes, a rendição e a abdicação ao trono.

Com o exército francês já em solo português, depois de passar, com licença do rei da Espanha, pelo território espanhol, dom João ordenou, na madrugada de 24 para 25 de novembro de 1807, as providências para o embarque rumo ao Rio de Janeiro, a capital da Colônia do Atlântico Sul. Uma gigantesca operação, envolvendo uma caravana de 700 carroças, levou tudo que era de valor para as embarcações que fariam a longa viagem, iniciada em 29 de novembro de 1807.

Na manhã do dia imediato ao da fuga da família real, o general Junot invadiu Lisboa, que se encontrava sem nenhuma resistência, sem nenhum objeto de



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



valor, sem nenhuma autoridade importante, sem governo e com uma população amedrontada, atônita e sem poder de reação. Sem contar com o principal troféu da conquista, que seria a prisão da família real, Napoleão resolveu ocupar o restante da Península Ibérica, ou seja, a parte da Espanha, até então aliada da França. E o próprio Napoleão para lá marchou, no comando de 200 mil soldados, que se depararam com um adversário usando a tática da guerrilha, até então desconhecida pelos franceses, acostumados à guerra em campo aberto. Nos desfiladeiros do território espanhol a situação estava crítica quando Napoleão teve de voltar à França com uma parte do exército para enfrentar uma invasão da Áustria. Mas, mesmo com todas as dificuldades na Guerra da Península, a França conseguiu a deposição de Carlos V e colocou no trono o irmão de Napoleão, José Bonaparte.



Napoleão Bonaparte, involuntariamente, ao provocar a fuga da corte portuguesa para a Colônia do Atlântico Sul, criou as condições para a futura independência do Brasil.

FUGA DA CORTE PORTUGUESA

Ao amanhecer do dia 29 de novembro de 1807, a esquadra portuguesa, formada por oito naus, três fragatas, três brigues, duas escunas, uma charua e mais de 20 navios mercantes, deixou o Cais de Belém, transportando a família real e cerca de 10 mil pessoas, com todo o aparato de governo: ministros, conselheiros, juizes, militares, funcionários graduados, membros do clero e serviçais.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



Foram também embarcados todo o dinheiro do tesouro, as joias da corte, as obras de arte, objetos dos museus e mais de 60 mil livros da Biblioteca Real. E nos porões dos navios foram colocados cavalos, éguas, bois, vacas, porcos, galos, galinhas e até carruagens. Na escolta seguiram quatro navios da Marinha Real Britânica.

A viagem da corte para o Brasil foi um sucesso, mas muito penosa.

A esquadra enfrentou duas tempestades, o ambiente ficou péssimo nos navios superlotados, com água e alimentos racionados, a higiene tornou-se precária e surgiu um surto de piolhos, obrigando as mulheres, em algumas embarcações, a rasparem as cabeças, dentre elas damas da família real.

Se não foi movido pela preocupação com o caos a bordo, se não foi pela necessidade de víveres e água potável, se não foi pela premência de alguns reparos nos danos provocados pelas tempestades em diversas naus e se não foi o desejo do descanso em terra firme, foi simplesmente a curiosidade do príncipe regente conhecer Salvador, a primeira capital, de 1549 até 1763, do governo colonial no Brasil. Por uma dessas causas ou pelo conjunto delas, foi que dom João de Bragança ordenou uma escala que não estava prevista no planejamento inicial da viagem.

Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia - IGHB

**“O mar nos deu a receita de um viver sábio, fecundo: sendo salgado,
ele aceita as águas doces do mundo.”**



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



ANO BISSEXTO- 2024

Trata-se de uma curiosidade. Estamos em 2024, considerado um ano bissexto...

O nome deve-se ao fato de que lhe ocorre o acréscimo de um dia, contando-se com 366 dias (de onde popularmente vem o nome bissexto = 66), enquanto os anos comuns contam com 365 dias.

Esse fenômeno ocorre a cada quatro anos, exceto nos anos múltiplos de 100, com exceção dos que são múltiplos de 400. O último foi em 2020 e o próximo está sendo neste ano de **2024**.

O ano bissexto ocorre com o escopo de manter o calendário anual ajustado com a translação da Terra ao redor do Sol. A Terra leva 365,2422 dias solares (1 ano trópico) para dar uma volta completa ao redor do Sol.

Porém, por convenção, o ano-calendário comum tem 365 dias solares. Três são os calendários usados ao longo de nossa história e eles têm formas diferentes de computar o ano bissexto: Juliano, editado pelo Imperador Júlio César (de 454 a. C. até 7 d.C.); Agostiniano, editado pelo Imperador César Augusto (de 8 d.C. até 1581 d.C.); e Gregoriano, editado pelo Papa Gregório XII (de 1582 d.C. até hoje).

Ac. Hélio Gomes das Chagas

Oscar Wilde 1854-1900. Escritor e poeta irlandês, expoente da literatura inglesa durante a era Vitoriana. É autor do romance filosófico e obra prima "O Retrato de Dorian Gray".

A ambição é o último recurso do fracassado.

A cada bela impressão que causamos, conquistamos um inimigo.

Para ser popular é indispensável ser medíocre.

A vida é muito importante para ser levada a sério.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



DO BARÃO DE CATAS ALTAS ATÉ A VALE DO RIO DOCE DE HOJE

Como a imensa maioria das minas de ferro, em Minas Gerais, o Gongo Soco teve seu início como uma mina de ouro, a mais célebre de todas.

O Gongo Soco foi a mina que mais produziu ouro em toda a história da humanidade. Inicialmente, o Gongo Soco foi de propriedade de João Batista de Sousa Coutinho, o Barão de Catas Altas, que, a partir de 1818, apurou somas fabulosas de ouro daquelas lavras a céu aberto.

Durante dois anos, o Barão extraiu, por dia, nada menos do que 7 quilos e meio de ouro puro dos talhos abertos do Gongo Soco, o que fez de Catas Altas um dos homens mais ricos da época do Império no Brasil e bancou todas as excentricidades pelas quais ficaria conhecido.

Posteriormente, julgando esgotada a mina, Catas Altas a vendeu para os ingleses da Imperial Brazilian Mining Association, que passariam a empregar tecnologia mecanizada na exploração do ouro, como o trem de vagonetes e o engenho hidráulico de pilões, cujas cabeças dos trituradores eram produzidas pela Fábrica de Ferro de João Monlevade.

Monlevade foi o fornecedor preferencial de artefatos de ferro das companhias mineradoras inglesas por mais de 50 anos, forjando não apenas as cabeças de ferro dos trituradores do quartzito aurífero, cada uma pesando 80 quilos, como também qualquer outra ferramenta demandada pela mineração, além de peças muito maiores.

Há registro de peça de ferro de mais de 900 quilos de peso fabricada por Monlevade e enviada até o Gongo Soco através de seus famosos carretões de quatro rodas, puxados por muitas juntas de bois.

Mecanizado, constituído na forma de uma companhia e conformado aos moldes de uma vila europeia, contando com mais de 1.000 habitantes, de 1826 a 1856, o



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



Gongo Soco produziu nas mãos dos ingleses 27.887 quilos de ouro puro, algo sem precedente ou paralelo no mundo. Foram quase mil quilos de ouro por ano, mais de 2 quilos e meio de ouro por dia. Minas como o Congo Soco foram importantíssimas, não apenas pela grande quantidade de ouro que produziram, mas principalmente pelo emprego intensivo da mecanização a que foram pioneiras, sendo consideradas hoje pela historiografia como o alvorecer da indústria mineira. Tais minas deixaram uma marca tão indelével na construção da identidade regional que ainda hoje a herança daqueles idos tempos pode ser observada no jeito de falar do mineiro.

Manter o processo de mecanização sempre funcionando não era tarefa fácil. O inglês estava sempre cobrando do mineiro o porquê da interrupção do funcionamento.

Então o inglês indagava: “why (?)”, que é a tradução de “por quê (?)”. Daí a origem da interjeição “uai”, tão utilizada pelo mineiro para exprimir surpresa ou espanto.

“Sô”, que em Minas é utilizado como pronome de tratamento e “trem”, que é utilizado pelos mineiros como sinônimo de qualquer coisa, também são originários do convívio dos mineiros com os ingleses nas companhias mineradoras do ouro.

“Trem” é referente ao “train” de vagonetes, sob trilhos, que eram empregados nas companhias mineradoras para extrair o minério aurífero das galerias subterrâneas; “sô” é a adaptação do vocábulo “sir”, que era como os ingleses eram tratados nas companhias.

Depois de extinta a Companhia Inglesa do Gongo Soco, a mina passou a ser explorada pela Vale também por seu minério de ferro que é puríssimo e, obviamente, muito rico em ouro.

Outrora, um colosso aurífero, indutor do desenvolvimento da região, agora, o Gongo Soco se transformou numa verdadeira bomba-relógio que pode explodir a qualquer momento, por causa do risco da ruptura de mais uma barragem de mineração.

É vergonhoso testemunhar como a mineração virou sinônimo de medo em Minas Gerais.



METAPLASMOS POR ACRÉSCIMOS DE FONEMAS OU LETRAS

PRÓTESE- acréscimo antes da palavra: avoar, em vez de voar; alevantar, em vez de levantar;

EPÊNTESE- acréscimo no meio da palavra: goooool, em vez de gol; bellona em vez de bella ou bela = para a guerra, em latim; mavorte, em vez de marte, deus da guerra;

PARAGOGE- acréscimo de letras ou fonemas no fim do vocábulo: mãêêêê, em vez de mãe; tiiia, em vez de tia.

METAPLASMOS POR REDUÇÃO DE FONEMAS OU LETRAS

AFÉRESE (= redução no início da palavra): té amanhã (em vez de até); **ocê, em vez de você; Zé (em vez de José);**

SÍNCOPE (= redução no meio da palavra): **Vossa Mercê = vosmecê = você;**
Álvaro = Alves;

APÓCOPE (= redução no fim da palavra); viagem, em vez de viagem; selvagem, em vez de selvagem; lavage, em vez de lavagem; grão, em vez de grande.

ENCONTRO

HÁ SEMPRE UM LIVRO ABERTO AO ACASO, ONDE, NO FUNDO DE UMA FRASE,

NOS ENCONTRAMOS DE REPENTE, COMO UM ESPELHO...

E É SÓ POR ISSO QUE MARCAMOS PÁGINAS,

PARA PODERMOS VOLTAR FACILMENTE AO ESPELHO

QUANDO NOS PERDEMOS DE NÓS.

ANA PAULA MATEUS

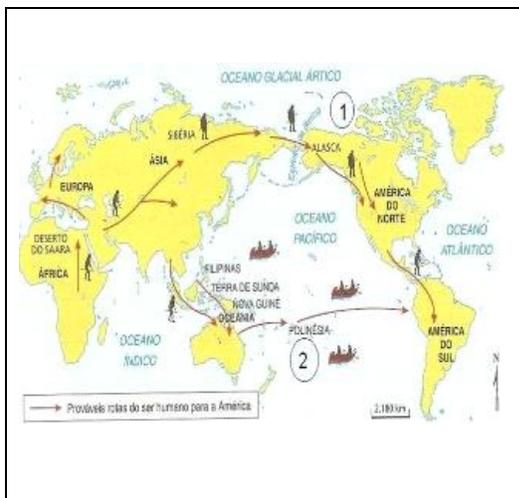


PRIMEIROS POVOS DA AMÉRICA

Os **primeiros povos da América** se referem àqueles que viviam na América antes da chegada do europeu.

Também são chamados de pré-colombianos, pois são situados no período anterior ao desembarque de Cristóvão Colombo, em 1492. Exemplos de povos pré-colombianos são os incas, astecas, maias, guaranis, tupinambás, tupis, apaches, shawees, navajos, inuítes e muitos outros.

ESTREITO DE BHERING



O continente americano já era ocupado por diversos povos há cerca de 10 mil anos, como demonstram evidências arqueológicas. A teoria mais aceita entre os cientistas é a de que a povoação do continente americano ocorreu pela travessia do Estreito de Bhering. Perseguindo os animais, os caçadores acabaram por atravessar o estreito e se estabelecerem ali.

Entretanto, há provas que apontam a existência de seres humanos nessa parte do globo, mesmo antes das incursões pelo Estreito de Bhering por rotas alternativas ou pela navegação.

Embora tenham sido influenciados pela colonização europeia, há povos que ainda hoje mantêm suas tradições de seus antepassados e as transmitem para as novas gerações.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



CARACTERÍSTICAS DOS PRIMEIROS POVOS DA AMÉRICA

Os primeiros povos da América eram nômades, caçadores e coletores. Segundo os estudos arqueológicos, suas características físicas têm traços semelhantes aos dos povos da África, Austrália e de povos mongóis.

Essa teoria é apoiada por pesquisas genéticas, que apontam um paralelo entre o DNA dos índios americanos e dos povos citados.

Esses povos caçavam como mastodontes, preguiça-gigante, tigre dente de sabre e o tatu gigante.

O extrativismo, contudo, não era a única maneira de subsistência dos povos. Há 7 mil anos, as nações americanas já dominavam a agricultura e plantavam abóbora, batata, milho, feijão e mandioca. Da mesma forma, domesticaram pequenos animais.

O continente americano estava inteiramente povoado na época da chegada de Cristóvão Colombo. Além de coletores, divididos em vários povos e espalhados por todo o continente, havia civilizações organizadas em imponentes impérios, como é o caso dos Maias, dos Astecas e dos Incas.

Essas civilizações não eram melhores nem piores que os europeus em muitos aspectos, mas tinham ritos e sacrifícios extremamente chocantes para os europeus.

Do mesmo modo, havia costumes da Europa que pareciam estranhos aos nativos. O problema foi a força desproporcional que foi usada pelos europeus ao invadir a América, fazendo desaparecer povos inteiros.

AMÉRICA CENTRAL

Na região que compreende a América Central – do México até a Costa Rica – vivia um conjunto de sociedades estratificadas, com um complexo sistema de exploração agrário e que compartilhavam crenças, tecnologia, a arte e a arquitetura.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



As estimativas arqueológicas apontam que o desenvolvimento da complexidade dessas culturas tenha começado entre **1800 a.C. e 300 a.C.**

Sua tecnologia permitiu a construção de templos e realização de pesquisas nas áreas de astronomia, medicina, escrita, artes plásticas, engenharia, arquitetura e matemática.

As cidades eram importantes centros de comércio na região hoje ocupada pelo México. Essas civilizações foram praticamente extintas pelos povos colonizadores e o que sobrou foram evidências históricas de sua organização e modo de vida.

ASTECAS

Os astecas viveram na região que hoje corresponde ao México. Tinham uma organização rígida, extremamente estratificada, com um imperador que era considerado uma semi-divindade e chefe do exército.

Eram um povo guerreiro, que viveu seu apogeu entre os séculos **XV e XVI**. No entanto, não se descuidaram da agricultura. Deste modo, desenvolveram o cultivo de através de plataformas a fim de aproveitar ao máximo o espaço e terras agricultáveis.

O império asteca era formado por quase 500 cidades num delicado equilíbrio de alianças e rivalidades. O navegador Hernán Cortez aproveitou-se desta situação para conquistá-los.

MAIAS



Pirâmide de Chichén-Itzá onde os Maias realizavam sacrifícios aos seus deuses. Observem as esculturas em volta do complexo. Os Maias viviam na região que hoje corresponde à Guatemala, Honduras, Belize, El Salvador e Península Yucatán.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



Formavam um conglomerado de cidades-estados que estava em constantes guerras entre si.

Quando os colonizadores chegaram, havia pelo menos seis milhões de maias na região que foram dizimados.

Eram hábeis escultores e fizeram verdadeiras obras de artes em materiais duros como o jade. Avançaram os cálculos matemáticos e possuíam um calendário com 365 dias do ano.

Igualmente, levantaram grandes pirâmides, muitas das quais podem ser visitadas até hoje.

Era um povo politeísta e ofereciam sacrifícios humanos e de animais aos deuses. Assim como a religiosidade medieval estimulava práticas de jejum e autoflagelação, os maias também incluíam o auto sacrifício e ofereciam seu próprio sangue aos deuses.

AMÉRICA DO SUL

A América do Sul estava povoada por várias tribos que se organizavam de maneira distinta. Temos a civilização inca que se estendeu seguindo a cordilheira dos Andes, bem como os mapuches no sul do Chile e da Argentina.

Igualmente, o futuro território brasileiro estava ocupado com dezenas de povos como os tupis, os tamoios, aimorés, tupiniquins, guaranis e muitos outros que foram perdendo seu espaço à medida que avançava a colonização portuguesa.

INCAS

Os incas habitaram o Equador, o sul da Colômbia, o Peru e a Bolívia. Ao menos 700 idiomas eram falados no Império Inca que, como os demais, foi conquistado e destruído pelos espanhóis.

Embora não dominassem a escrita, este povo criou um sistema de contagem, o *quipu*, e o aplicavam para a cobrança de impostos. Além de terem desenvolvido um método de cálculo que utilizava um instrumento semelhante ao ábaco.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



Consideravam-se filhos do sol, eram politeístas e tinham o seu chefe Inca adorado como um deus. As famílias deveriam entregar ao menos uma filha para servir ao inca por certo período.

POVOS INDÍGENAS DO BRASIL



Mamelucos conduzindo prisioneiros índios, obra de Jean-Baptiste Debret.

A região que hoje é ocupada pelo Brasil era habitada por cerca de 4 milhões de índios, quando a esquadra de Pedro Álvares Cabral aportou. A maioria era constituída por coletores e caçadores.

Hoje, mesmo após a redução do território indígena, há 240 povos indígenas no Brasil que falam até 150 dialetos. As principais causas da redução da população foram a pressão colonizadora e as doenças trazidas pelos portugueses.

Os remanescentes de povos indígenas brasileiros ainda vivem em constante disputa por território e são alvo de doenças e vivem, a maioria, em extrema pobreza.

Entre esses povos está o Guarani-caiúá, que vive na fronteira de Mato Grosso do Sul com o Paraguai. O assassinato de líderes indígenas e a ocupação de terras são constantemente divulgados pela mídia.

AMÉRICA DO NORTE



Aspecto do interior de uma tenda da tribo Apache.

Os primeiros assentamentos humanos da América estão registrados no atual Alasca, onde o povo *inuit* ocupou áreas do Canadá e Groenlândia. Os nativos da América do Norte eram tribos de comportamento seminômades, caçadores-coletores; e outros eram sedentários que viviam da agricultura.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



Entre eles estão incluídos os Apache, os Shawee, os Navajos, os Creek, os Cherokee, os Sioux e muitos outros.

Sua religiosidade era politeísta com o culto especial ao espírito dos antepassados e animais. No entanto, em algumas tribos se registra o culto teísta onde havia uma entidade maior que as outras.

De todas as formas, os indígenas americanos tinham uma cosmovisão peculiar onde os humanos, a mãe terra e o pai céu são apenas um.

Com a Marcha para o Oeste, os indígenas foram expulsos sistematicamente das suas terras. Morriam nos campos de batalha, de doenças e também de fome, pois com a ocupação da terra os animais foram se extinguindo.

A indústria cinematográfica americana transformou a colonização em direção ao Pacífico como um evento espetacular, onde os indígenas eram tratados de forma estereotipada e violenta. Entre os últimos acontecimentos está o massacre dos Sioux, em 1890, quando a cavalaria dos EUA executou 150 indígenas, entre homens, mulheres e crianças. Os corpos foram jogados em uma cova coletiva.

JULIANA BEZERRA - Professora de História

REGRAS DE DALAI LAMA PARA A VIDA

1. Leve em consideração que grandes amores e grandes realizações envolvem grandes riscos;
2. Quando você perder, não perca a lição;
3. Siga os 3 "R": Respeito a si mesmo; Respeito por outros; Responsabilidade por todos os seus atos;
4. Lembre-se de que, algumas vezes, não conseguir o que se deseja é um imenso golpe de sorte;
5. Conheça as regras, de forma que possa desafiá-las da maneira mais apropriada.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



VENDEDOR DE EMOÇÕES

Comecei como comentarista de rádio, já contei isso, e virei narrador por acaso. Mudei muito minha maneira de trabalhar. Eu me lembro da primeira conversa que tive com Ciro José, que era o diretor de esportes da Globo, quando ele e Armando Nogueira resolveram me levar para lá. Eu estava na Bandeirantes e ele me disse que na Globo seria diferente, que os limites eram outros, que eu fosse com calma e conseguiria meu espaço. Isso foi acontecendo com o tempo, a confiança mútua se estabeleceu e comecei a trabalhar cada vez com mais liberdade.

O meu estilo, vou repetir, é não se imaginar mais importante do que a imagem, mas não se minimizar a ponto de ser dispensável. Essa seria uma definição técnica, correta, é o pano de fundo de tudo o que eu faço. Sei que passo um pouco disso. Sou polêmico, falastrão. Narro, mas me meto nos comentários, discordo, concordo, opino. Muitas vezes passo do ponto. Mas acho que mexo bem com a receita desse bolo, que mistura emoção com informação e paixão. Acho que mexo bem essa receita, e acaba saindo uma comidinha legal.

Eu nunca tinha imaginado ser narrador. Eu gostava de esportes. Tinha uma pessoa que me encantava falando, o João Saldanha. Fui admirar justo um dos mais polêmicos. Fui me descobrindo como narrador por acaso, por uma necessidade, para não ficar desempregado. O mais difícil para mim, ninguém vai acreditar nisso, era gritar gol. Eu morria de vergonha. Houve uma época que nem gol eu gritava. Reparei que cada narrador tinha o seu bordão para gritar gol e pensei. “Quer saber? Eu vou gritar é gol”.

Boni sempre dizia: “Esse rapaz é muito bom, mas não tem voz”. Eu não sabia usar o pouco que tinha como sei hoje. A verdade é que nunca tive a chamada “potência de voz”, foi preciso aprender a educá-la. É uma coisa de cada vez, você descobre os limites, vai dando suas mancadas, falando bobagens, se ajeitando, caprichando. Foi o que aconteceu e continua acontecendo comigo até hoje.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC

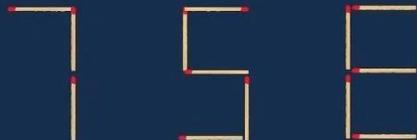


Para falar de meu estilo eu digo que, mais do que narrador e jornalista, eu sou um **vendedor de emoções**. É assim que eu me vejo. O esporte é, basicamente, emoção. Eu sempre quis ser um narrador de esportes, não um locutor de futebol. É esse produto que tenho para vender. Ninguém gosta de perder, a não ser os masoquistas. E estou falando em perder qualquer coisa, do par ou ímpar ao melhor emprego. O esporte é assim. Claro que uns têm mais garra, outros têm mais raça, outros mais paixão, outros menos. Esporte é emoção, emoção gera paixão. E, às vezes, dá a maior confusão.

GALVÃO BUENO – Locutor de esportes da Globo

QUESTÃO DE LÓGICA

Mova apenas dois palitos e transforme esse número em seu dobro.



Resposta na última página



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



JOCKEY CLUB BRASILEIRO E SUA HISTÓRIA

Os cavalos, antes da existência do automóvel, eram tidos como a principal forma de meio de transporte individual, sendo utilizados tanto para trabalho e lazer, quanto para jogos e esportes. As cavalhadas eram a típica comemoração que envolvia equinos, jogos e festivais organizados, que existiam já no tempo de D. João VI. Eram muito populares até a primeira metade do século 19.

As corridas de cavalos datam de 1810, organizadas na Praia de Botafogo por comerciantes ingleses, “pela manhã, às horas que permitir a maré”, segundo reportagem da Gazeta do Rio de Janeiro, de 1814, enquanto a bola rolou pela primeira vez 85 anos depois, em São Paulo. Em 1851, o turfe passou a fazer parte da cidade, no Prado Fluminense, primeiro hipódromo, no bairro de São Francisco Xavier, onde o Jockey Club mantinha suas atividades. Mais que um esporte, o turfe era um evento social restrito à aristocracia, com ampla cobertura da imprensa.

O Derby Club teve sua primeira corrida em 1885, quando a cidade vivia a febre do turfe e tinha quatro hipódromos grandes, além de inúmeros outros pequenos, às vezes simples terrenos baldios nos subúrbios. Quando corridas saíram de moda, o Derby foi absorvido pelo Jockey Club, após 47 anos de atividades e a sua enorme propriedade ficou abandonada. Na década de 1940, a área se transformou na Favela do Esqueleto (4 mil barracos e 12.000 habitantes), a partir da obra abandonada do Hospital das Clínicas da Universidade do Brasil. A Favela foi demolida e em 1948, teve início a construção do Estádio do Maracanã e do Campus da UERJ.

O Jockey Club, que se fundiria com o Derby Club em 1932, tinha suas atividades no Prado Fluminense e desde 1919 estudava a hipótese de construir um novo hipódromo para substituí-lo. A opção foi fazer a permuta de seu terreno no bairro de São Francisco Xavier por um terreno pantanoso, em frente ao Jardim Botânico,



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



junto à Lagoa Rodrigo de Freitas, que vinha sendo aterrado com resíduos do desmonte do Morro do Castelo, no centro da cidade. O arquiteto francês André Raimbert, associado a seu colega Louis Lefranc, e por encomenda de Linneo de Paula Machado, fez o projeto original do Hipódromo da Gávea, depois alterado.

As corridas de cavalo, organizadas através de entidades, tem sua origem no ano de 1868, quando foi fundado o Jockey Club que promovia corridas num Prado do Engenho Novo, hoje Maracanã, bairro do Rio de Janeiro.

Em 1885, foi criada uma outra associação ligada ao turfe, chamada Derby Club, que passou a promover corridas no local onde posteriormente viria a ser construído o majestoso Estádio do Maracanã, à época o maior do mundo.



Em 1926, o Jockey Club inaugurou o atual Hipódromo Brasileiro, conhecido como Hipódromo da Gávea. O Jockey Club continuava com as suas atividades, o Derby Club continuou também promovendo corridas, separadamente, até o ano de 1932, quando então uniu-se ao Jockey Club.

Após a união, as duas associações passaram a se chamar Jockey Club Brasileiro, tendo como Prado o Hipódromo da Gávea.

O primeiro presidente do novo Club foi o banqueiro Linneo de Paula Machado, também responsável pela construção da sede da Gávea, mais tarde vindo a ser considerado o maior criador de cavalos de corridas do Brasil, proprietário do Haras São José e Expedito.

Paula Machado era grande entusiasta e promotor do turfe brasileiro.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



A reunião inaugural do JCB foi realizada em 29 de maio do ano de sua fundação, no recém-construído Hipódromo da Gávea. Antigamente chamado de Hipódromo Brasileiro, sua pista e tribunas foram inaugurados seis anos antes da fusão dos dois clubes, em julho de 1926.

O primeiro Grande Prêmio do Brasil

No dia 6 de agosto de 1933, foi realizado o primeiro Grande Prêmio Brasil. Organizado em 1933, a partir de então passou a ser uma tradição e um dos grandes eventos da cidade e do Brasil. O Grande Prêmio Brasil é o mais importante do turfe brasileiro.

O vencedor do páreo foi o tordilho “Mossoró” que, segundo se conta, quase foi levado no colo pela multidão presente no hipódromo, que vibrava com a vitória do animal nascido e criado no Brasil. Desde então, o GP Brasil tem sido a mais expressiva prova do turfe nacional, sendo reconhecida mundialmente.

Cavalos do Brasil e também de outros países concorrem no famoso Grande Prêmio, atraídos pelo prestigioso evento e pelo premiado bilhete de loteria do Sweepstake.



Foto do Jockey Club e Hipódromo da Gávea vistos do alto. O Prado foi construído em 1926, sobre áreas aterradas da Lagoa Rodrigo de Freitas.



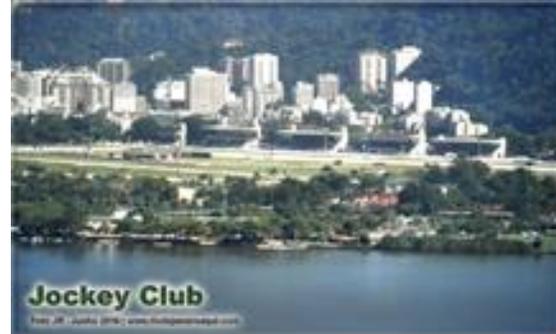
A arquibancada do Pavilhão Principal teve por muitos anos o maior vão central em concreto armado da América.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



Panorama do Prado (pista de corrida) com cavalos e jockeys em ação na disputa de um páreo na grama.



Ao lado, vê-se o belo conjunto arquitetônico, às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas



Antigas sedes do Jockey Club e Derby Club

Edifícios do Jockey Club e Derby Club, primeira geração do edifício da Avenida Central, atualmente chamada de Av. Rio Branco, no centro da cidade. Ambos os edifícios foram demolidos.

Prado do Derby Club no Maracanã

Abaixo, fotos das instalações do Derby Club vistas em três diferentes épocas, que um dia existiu e já foi um dos locais mais frequentados do Rio de Janeiro. No local, o clube desportivo organizava seus páreos ou corridas de cavalos.

Na primeira foto do lado direito, vemos fotos das arquibancadas com tílburis e landus estacionados no local, que eram então os veículos puxados a cavalo, em 1892, usados pelas pessoas de posse em sua época. Na outra foto do lado direito, na parte de baixo, tirada em 1926, vemos automóveis no estacionamento próximo às arquibancadas. Na foto mais ao centro, pela aparência dos automóveis, certamente deve ter sido tirada por volta de 1910. E na foto do lado direito,



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



provavelmente também do início do século 20, o Prado do Derby Clube em movimentado dia de corridas de cavalos.



À época, o futebol era apenas uma atividade esportiva emergente; as corridas de cavalos ocupavam o centro das atenções das atividades esportivas, com a presença da sociedade carioca.

Um dos personagens mais importantes do turfe é o jóquei. Encarado por alguns como forma de ascensão social, ocupava um papel intermediário entre o grande público, os sócios de clubes e os criadores de cavalos. O desempenho dos animais nas corridas dependia de suas performances, e em suas mãos se encontravam os sonhos de muitos que desejavam enriquecer.

Alguns foram ídolos do público turfista e marcaram época como foram os magníficos Luiz Rigoni (vencedor de três Grandes Prêmios Brasil), Francisco Irigoyen, Manuel Bezerra da Silva, o Bequinho, Gonçalo Feijó de Almeida, Albenzio Barrozo, Juvenal Machado da Silva e o recordista mundial de vitórias (13.272 triunfos) Antônio Ricardo, hoje atuando nos prados da Argentina. Personagens muitas vezes injustiçados, perseguidos, considerados culpados de problemas nos quais desempenharam um papel apenas coadjuvante, merecem sempre serem citados como os artífices do espetáculo.



Ao lado, uma imagem de jóqueis que disputaram páreos no Derby Club, em 1911, trajando as fardas com as cores de seu Haras e Coudelarias.

Ac Luiz Augusto Lemos



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



ALMA PERFUMADA - Carlos Drummond de Andrade

Tem gente que tem cheiro de colo de Deus.

De banho de mar quando a água é quente e o céu é azul.

Ao lado delas, a gente sabe

que os anjos existem e que alguns são invisíveis.

Ao lado delas, a gente se sente chegando em casa e trocando o salto pelo chinelo.

Sonhando a maior tolice do mundo com o gozo de quem não liga pra isso.

Ao lado delas, pode ser abril, mas parece manhã de Natal do tempo em que a gente acordava e encontrava o presente do Papai Noel.

Tem gente que tem cheiro das estrelas que Deus acendeu no céu e daquelas que conseguimos acender na Terra.

Ao lado delas, a gente não acha que o amor é possível, a gente tem certeza.

Ao lado delas, a gente se sente visitando um lugar feito de alegria.

Recebendo um buquê de carinhos.

Abraçando um filhote de urso panda.

Tocando com os olhos os olhos da paz.

Ao lado delas, saboreamos a delícia do toque suave que sua presença sopra no nosso coração.

Tem gente que tem cheiro de cafuné sem pressa.

Do brinquedo que a gente não largava.

Do acalanto que o silêncio canta.

De passeio no jardim.

Ao lado delas, a gente percebe que a sensualidade é um perfume que vem de dentro e que a atração que realmente nos move não passa só pelo corpo.



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



Corre em outras veias.

Pulsa em outro lugar.

Ao lado delas, a gente lembra que no instante em que rimos Deus está conosco, juntinho ao nosso lado. E a gente ri grande que nem menino arteiro.

Tem gente que nem percebe como tem a alma perfumada!

E que esse perfume é um dom de Deus!



Diz-se que há de vir
uma era justa e boa
em que o valor da pessoa
se mantém quando envelhece.
Está no trabalho que fez.
Para conseguir uma coisa como esta
dava o sangue que me resta.
E era como se tivesse
nascido mais uma vez.

Deram-nos este banco de avenida
onde a sombra nos dói e a tarde gela
e daqui vemos nós passar a vida
sem que a vida nos sinta perto dela.

Hélia Correia



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



ÓLEO DE COCO

Nos Estados Unidos, cerca de 5,4 milhões de pessoas foram diagnosticadas com a doença de Alzheimer. Este número está crescendo rapidamente com o envelhecimento da população.

Um deles foi Steve Newport. Sua esposa, Mary Newport, era médica. A Dra. Mary descobriu que seu marido tinha doença de Alzheimer grave. Quando o médico examinou o marido no hospital, pediu a Steve que pintasse um relógio. Em vez disso, ele desenhou alguns círculos e depois desenhou algumas figuras sem qualquer lógica. Não era nada parecido com um relógio!

O médico puxou-a de lado e disse: “Seu marido já está à beira de um grave mal de Alzheimer!”

Percebeu-se que era um teste para saber se uma pessoa tinha doença de Alzheimer.

A Dra. Mary ficou muito chateada naquela época, mas como médica, ela não desistiria simplesmente. Ela começou a estudar a doença e descobriu que o Alzheimer estava associado à **deficiência de glicose no cérebro**. Sua pesquisa diz:

“A demência dos idosos é como ter diabetes na cabeça! Antes de surgirem os sintomas do diabetes ou da doença de Alzheimer, o corpo já tem problemas há 10 ou 20 anos”.

De acordo com o estudo da Dra. Mary, a doença de Alzheimer é muito semelhante ao diabetes tipo 1 ou tipo 2. A causa também é o desequilíbrio da insulina. Como a insulina tem um problema, ela impede que as células cerebrais absorvam glicose.

A glicose é a nutrição das células cerebrais.

Sem glicose, as células cerebrais morrem. Acontece que essas proteínas de alta qualidade são as células que alimentam o nosso corpo. Mas a nutrição das nossas



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



células cerebrais é a glicose. Enquanto dominarmos a origem destes dois tipos de alimentos, seremos os donos da nossa própria saúde!

A próxima pergunta é: onde encontrar glicose? Não pode ser a glicose pronta que compramos na loja. Não é de frutas como uvas. Ela começou a procurar alternativas. Os nutrientes alternativos para as células cerebrais são as cetonas. As cetonas são necessárias nas células cerebrais. As cetonas não podem ser encontradas nas vitaminas.

Óleo de coco contém triglicerídeos. Depois que os triglicerídeos do óleo de coco são consumidos, eles são metabolizados em cetonas no fígado. Este é o nutriente alternativo para as células cerebrais.

Após esta verificação científica, a Dra. Mary adicionou óleo de coco à comida de seu marido.

Depois de apenas duas semanas, quando voltou ao hospital para fazer testes de pintura e relógio, o progresso foi incrível.

A Dra. Mary disse: "Naquela hora, pensei, Deus ouviu minhas orações? Não seria o óleo de coco que funcionou? Mas não tem outro jeito. De qualquer forma, é melhor continuar tomando o óleo de coco."

A Dra. Mary agora fazia parte da base da prática médica tradicional. Ela conhecia claramente as capacidades da medicina tradicional.

Três semanas depois, na terceira vez que ela o levou para fazer um teste de relógio inteligente, o desempenho foi melhor do que da última vez. Este progresso não foi apenas intelectual, mas também emocional e físico.

A Dra. Mary disse: "Ele não conseguia correr, mas agora pode correr. Ele não conseguiu ler por um ano e meio, mas agora pode ler novamente depois de tomar óleo de coco por três meses". As ações do marido já haviam começado a mudar. Ele não falava de manhã. Ela notou muitas mudanças: "Agora, depois que ele se levanta, ele fica animado, conversando e rindo. Ele mesmo bebe água e leva



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



sozinho os utensílios para si". Superficialmente, são tarefas diárias muito simples, mas só quem veio à clínica ou tem parentes dementes em casa pode sentir a alegria. Não é fácil ver tanto progresso! Depois de fritar as verduras e cebolas no óleo de coco, fazer bolos com coco, depois de tomar 3 a 4 colheres de sopa de óleo de coco por refeição, 2 a 3 meses depois, os olhos também podem focar normalmente. Seus estudos provaram que o óleo de coco pode realmente melhorar o problema da demência nos idosos. Aplique óleo de coco no pão! Quando se usa creme de coco, o sabor é inesperadamente bom.

Os jovens também podem utilizá-lo para manutenção da saúde e prevenção, podendo melhorar caso apresentem sintomas de demência. A demência é causada porque os nutrientes não podem ser transportados para as células cerebrais e os nutrientes devem ser passados do corpo para o cérebro pela insulina. Especialmente para pacientes diabéticos, não é fácil obter secreção de insulina. “A nutrição não pode chegar ao cérebro. Quando as células cerebrais morrem de fome, elas ficam privadas de inteligência.”

Óleo de coco contém triglicerídeos de cadeia média, que podem fornecer nutrientes ao cérebro sem usar insulina. Portanto, pode melhorar a doença de Alzheimer e a doença de Parkinson.

Aprofundei-me no tema e submeti o artigo a um médico especialista, que já acompanhava e conhecia o assunto. Afirmou ele, de imediato, existem grupos de cientistas no mundo que estavam pesquisando os benefícios para saúde proporcionados pelo uso do óleo de coco. Prontamente, ele encaminhou o resumo e a conclusão do trabalho científico para conhecimento dos leitores, feita a tradução do Inglês para o Português, está exposto a seguir:

RESUMO

“A doença de Alzheimer (DA) é uma doença neurodegenerativa que tem como principal característica a perda progressiva das funções cognitivas, afetando



Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



milhões de pessoas em todo o mundo. Nesse sentido, há uma busca contínua por ferramentas terapêuticas que atuem na prevenção e no tratamento da doença. Além disso, pesquisas, utilizando o óleo de coco como ferramenta terapêutica, demonstraram um potente efeito anti-inflamatório dessa substância. Assim, foi realizada uma revisão da literatura para investigar os possíveis efeitos do óleo de coco na DA. Este artigo é uma revisão de literatura, utilizando as bases PubMed, Science Direct, SciELO e Bases de dados LILACS. A partir da busca com descritores específicos, foram incluídos estudos referentes aos últimos cinco anos, publicados em inglês, português e espanhol com dados pré-clínicos e clínicos. Os estudos pré-clínicos incluídos demonstraram que o óleo de coco interfere, inibindo importantes vias metabólicas que atuam na promoção da neuro inflamação, formação de placas amiloides, desequilíbrio de neurotransmissores e dinâmica das vias de sinalização. Além disso, o uso do óleo de coco aumentou os níveis de corpos cetônicos. Até certo ponto, muitos ensaios clínicos já demonstraram apoio favorável ao uso do óleo de coco como adjuvante no tratamento da DA. No entanto, ainda há necessidade de ensaios clínicos mais randomizados e controlados que avaliem a **dosagem** ideal, bem como se o óleo de coco é eficaz ou não contra a doença de Alzheimer.

CONCLUSÃO

O Alzheimer é uma doença que, ainda hoje, apresenta poucas alternativas terapêuticas, o que reforça a busca por novas intervenções na comunidade científica. Assim, com base nos estudos desta revisão, sabe-se que os derivados do óleo de coco apresentam, in vitro e em animais, potencial efeito na inibição da expressão de fatores que determinam o desenvolvimento da doença, como a proteína precursora do amiloide (APP), vias inflamatórias e processos metabólicos. No entanto, a grande maioria dos estudos incluídos são pré-clínicos, ou seja, insuficientes para definir condutas terapêuticas no cotidiano.

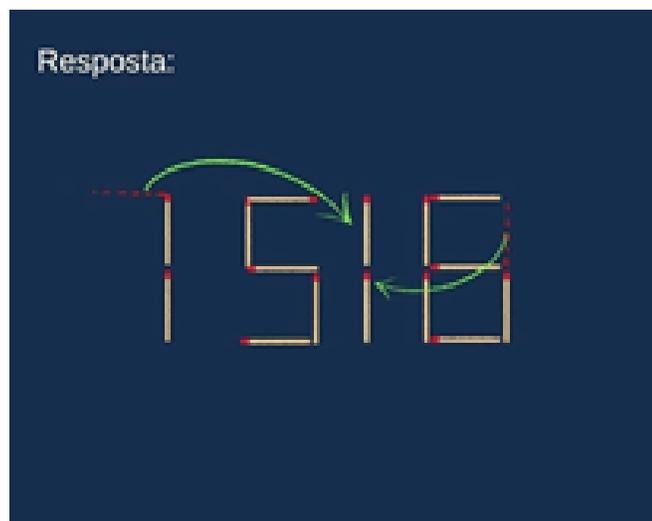


Academia de Letras, Artes e Ciências - ALAC



Além disso, os ensaios clínicos prospectivos incluídos nesta revisão apresentaram problemas metodológicos importantes, como pequeno tamanho da amostra, curto período de desenvolvimento e falta de randomização e cegamento adequados. Portanto, são necessários mais ensaios clínicos randomizados, controlados, com estratégias de cegamento e amostras maiores para avaliar a dosagem ideal e o derivado, bem como a existência de eficácia ou não do óleo de coco contra a doença de Alzheimer”.

RESPOSTA DA QUESTÃO DE LÓGICA DA PÁGINA 35



**“Não se pode ir muito longe,
se não se começar a fazer alguma coisa pelo próximo”.**

Melvin Jones